



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



POR AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHOS DE A. CASTAÑE

PUMBA-CATAPUMBA era um poderoso régulo, chefe duma numerosa tribo, cujo régio palácio dominava um lindo outeiro, no interior africano. Batida pelo sol tropical, uma bandeira branca, tremulando ao vento, sôbre a torre mais alta, com insígnias bordadas a vermelho e a oiro, —(um arco e uma seta)— atestava aos indígenas todo o seu poderio.

Pumba-Catapumba tinha um filho de quinze anos, o pretinho Atchim que, além de ser levadinho de mil demónios, era excessivamente vaidoso. Como filho do régulo, satisfazia todos os seus caprichos, sendo, por vezes, cruel para com os súbditos de seu pai, negros também, pretos retintos como êle.

Era praxe, naquele reino selvagem, fazer-se a continência pondo a mão espalmada sôbre a boca. E ai do distraído áulico da sua comitiva que se esquecesse de o saudar desta forma, mal sua alteza Atchim despontasse ao caminho ou entre umbrais duma porta. O menos que lhe sucederia era ser brutalmente vergastado. Não era o natural desejo de impôr a obediência, o respeito e a disciplina que o levavam a abusar, assim, dos seus direitos de alteza e do privilégio da sua soberania. Era, apenas, o desejo de humilhar, de se enaltecer, a completa satisfação do seu excessivo orgulho, da sua imensa vaidade.

Ora um certo dia o nosso pequeno Atchim decidiu ir sózinho caçar javalis para uma densa floresta numa colónia de brancos, onde era raro encontrar-se um preto.

Ao embrenhar-se na selva, súbitamente, cruzou-se com um caçador europeu que, de espingarda em punho, andava também caçando.

Achando graça ao encontro, ante o imprevisito contraste, em ar de mofa, o caçador, branco e loiro, pondo a mão espalmada sôbre a boca, espirrou, exclamando: — «Atchim, preto!»

Continua
na
página
8



«YO-YO»

Por Maria do Rosario

V_AO, pela rua, a menina,
a Mamã, a Tia, a Avó...
Braço ora em baixo, ora em cima,
vão a jogar o «Yo-Yo»!

Uma fila de automóveis
sem seguirem: — *Pó-pó-pó!*...
E o polícia sinaleiro
a jogar o «Yo-Yo»!

Do outro lado, a sopeira,
toda flamante, liró:
— num braço, o cesto das compras,
no outro braço o «Yo-Yo»!



O próprio Menino-Deus,
maçado por estar só,
atou ao Mundo um cordel
e, também, joga o «Yo-Yo»!

Por isso, o Mundo se agita
ao sabor da simples gaita,
presa por um frágil nó
ao dedo do Deus-Menino!

Ora em baixo, ora no cimo,
somos, na Vida, um «Yo-Yo»!

FIM



POR MARIA EMILIA BARBOSA VIANA
DESENHOS DE A. CASTAÑÉ



U_M velhinho de farta cabeleira branca, o rosto enrugado e crestado pelo sol, os olhos já sem aquele brilho revelador da mocidade e um sorriso melancolicamente enigmático, a entreabrir-lhe a boca desdentada, ia caminhando, tristemente, como que pensativo, e apoiado no seu grosso bordão.

A'quela hora em que o crepúsculo parecia querer envolver o campo, em que a natureza se ostentava no apogeu da sua incomparável formosura, e em que os passeantes rareavam, o nosso caminhante deixava-se, insensivelmente, levar pelas recordações

do passado, dos seus venturosos tempos de rapaz.

Em seu lívido rosto, contraído pelo sofrimento, deslisavam, agora, suavemente, lágrimas de amargura infinita.

— «Olha o velhote a chorar!»

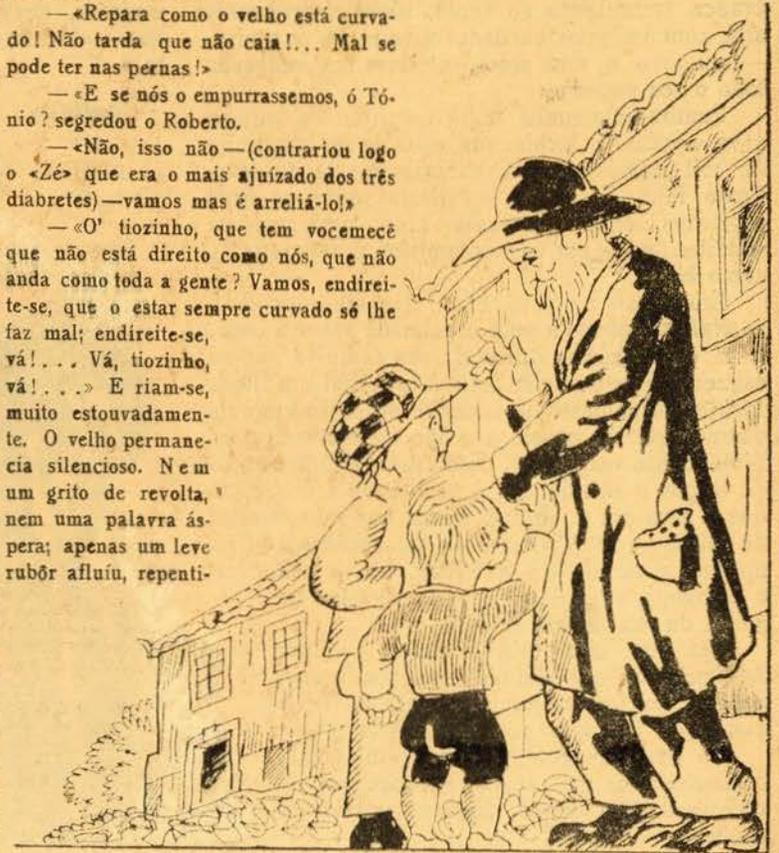
— «Não querem lá ver um homem a chorar!...» troçavam José, António e Roberto, três garotos que, vindos da escola, passavam próximo dele. O velhinho quedou-se imóvel, voltando os olhos tristemente para eles; as lágrimas porém não cessavam de correr...

— «Repara como o velho está curvado! Não tarda que não caia!... Mal se pode ter nas pernas!»

— «E se nós o empurrassemos, ó Tónio? segredou o Roberto.

— «Não, isso não — (contrariou logo o «Zé» que era o mais ajuizado dos três diabretes) — vamos mas é arrelia-lo!»

— «O' tiozinho, que tem vocemecê que não está direito como nós, que não anda como toda a gente? Vamos, endireite-se, que o estar sempre curvado só lhe faz mal; endireite-se, vá!... Vá, tiozinho, vá!...» E riam-se, muito estouvadamente. O velho permanecia silencioso. Nem um grito de revolta, nem uma palavra áspera; apenas um leve rubor afluíu, repentino.





namente, ao seu simpático rosto, como que se a lembrança dalguma falta pas- sada, o envergonhasse de súbito.

Desesperados com a indiferença do velho, aproximaram-se mais dele e, com visível impaciência, não isenta de curiosidade, retorquiram motejantes:

— «Então, tiozinho, não fala, não nos responde, não tem nada a dizer-nos?!...»

Então o pobre velho, ainda que um pouco hesitante, respondeu:

— «Acho inútil dizer-lhes, meus filhos, porque estou curvado; qual a causa porque as pernas me vacilam, pois o sabem tão bem como eu! Os muitos anos que tenho, são só por si uma carga demasiado pesada, para que eu possa caminhar direito como vocês me aconselham... (E em seu rosto esboçava-se um sorriso de amarga ironia). Admiram-se de eu lhes não manifestar zanga alguma pelo desrespeito com que me trataram, como qualquer outro faria em meu lugar? Ah, meus filhos, o que vocês ignoram é que, infelizmente para mim, não me assiste moralmente esse direito! Como vocês, também, já fui rapaz e, para mal dos meus pecados, também já trocei, uma vez, dum pobre velho. Jamais me poderei esquecer das únicas palavras com que êle me castigou! Foram estas: «Só te de- sejo, meu pequeno, que venhas, um dia a sofrer o que me fazes sofrer neste momento!»



Agora vejo quanto fui cruel. Vi-o chorar e ri-me das suas lágrimas; vi-o cambalear e tive ânsias inauditas de o empurrar, só pelo estúpido prazer de o ver cair, de o ver sofrer! E, como vocês, agora, pedi-lhe, com ares de mofa, que se endireitasse, como se isso estivesse em suas mãos! Ah, decidida- mente, existe uma justiça a que nin- guém escapa! Se Deus não deixa sem prêmio as acções belas e generosas, também não deixa sem castigo as acções indignas e vergonhosas!»

Quando o velhinho acabou de fa- lar, os três pequenos tinham as cabeças

baixas, numa atitude humilde e arrependida, e, dos seus olhos, corriam abundan- tes lágrimas!

E o velhinho sorria-se complacente, ao mesmo tempo que as suas mãos tré- mulas acariciavam as doiradas cabeças dos rapazinhos, que se haviam agarrado a êle, suplicando o seu perdão.

— «Vão em paz, meus filhos; que Deus Nosso Senhor lhes perdoe, como eu já lhes perdoei! E, ante os olhares compadecidos e respeitosos dos pequenos, o nosso velhinho, que tinha agora um belo sorriso a desanuviar-lhe o rosto, talvez por ter acabado de resgatar uma falta que ainda lhe pesava na consciência, con- tinuou, vagarosamente, o seu caminho, até que desapareceu numa curva da es- trada...»

A RAPOSA CASTIGADA

POR NITA

SENHORA D. Raposa,
 que é cada vez mais matreira,
 entrou, feliz e gulosa,
 numa certa capoeira.

Numa tremenda aflição
 já cacareja a galinha,
 põe-se, aos gritos, o pavão
 e a pachorrenta patinha.



Logo, acordando do sono,
 que estava dormindo então,
 surge, alvoroçado, o dono
 com cinco pedras na mão.

E atirou-as à cabeça
 da raposa velhaquinha,
 que fugiu, a toda a pressa,
 pela porta da cosinha.

Eis, aqui, D. Raposa
 com sua cabeça atada,
 já bastante castigada
 por ser matreira e gulosa.

■ FIM ■



UM VIDRO PARTIDO

■ POR ZALIA ■

Há, na terceira classe, três alunos que merecem ser mencionados, pois são dignos da estima da sua professora, assim como dos seus condiscípulos.

Chamam-se: João, Damásio e José. O primeiro, um bonito rapaz, de faces muito rosadas, alegre, despreocupado, com um excelente coração, está sempre do lado do mais fraco; é inteligente e estudioso, mas doido por brincar. Todos os momentos que tem livres são para correr, saltar, jogar, etc.

O segundo, fraco e pequenino, (apesar de contar dez anos) é o mais aplicado de toda a classe. Muito caprichoso e esperto, é o primeiro da escola; tem sempre um dito engraçado, que faz arripiar o terceiro companheiro, que não é dado a brincadeiras. Este, é um petit muito forte para a sua idade, com uns belos olhos azuis, muito meigos e uma fisionomia que respira sinceridade.

Tem um comportamento exemplar; nunca foi reprimido por estar desatento ou por praticar qualquer maldade.

Um dia estavam na hora de desenho, e o gato da escola foi-se aninhar junto ao José, que tinha por apelido o nome de Rato.

O Damásio, mal o vê, olha para o condiscípulo, e na sua voz, muito cantada, diz-lhe: — *foge Rato, que o gato come-te!* . . .

Todos riram, excepto aquele a quem foi dirigido o gracejo, que, muito sério e na sua voz forte e irritada, respondeu: — *acautela-te tu, que és pequenino! Eu*

não temo o gato porque sou muito grande para ele me comer.

Ao ouvir as risadas, a professora quiz saber do que se tratava e, inteirada do sucedido, com palavras amigas, harmonizou os dois pequenos que acabaram por se rir, também.

Há dias, o mesmo garoto, o José, andava a brincar. Como quasi todos os rapazes dos meios pequenos, tem o feio costume de atirar pedras.

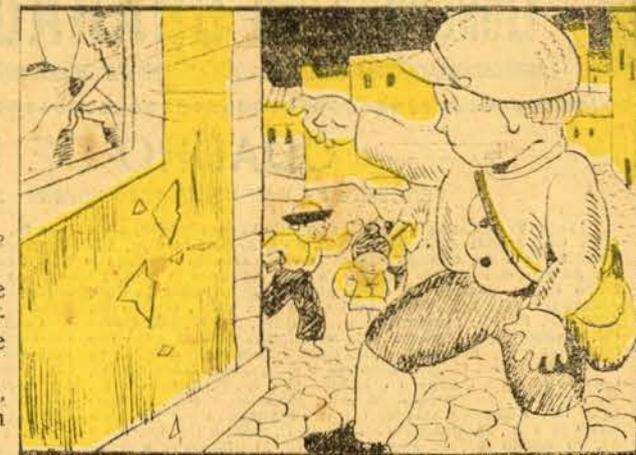
Quantas vezes lhes tem dito que não atirem pedras, que podem atingir alguém ou partir algum objecto! Mas os travessos nem sempre se lembram dos bons conselhos, e, assim, o José partiu um vidro duma das janelas da escola.

A professora tinha ido almoçar, aproveitando a hora do recreio. Pouco se demorou. De volta à escola, encontrou, na estrada, um grupo de alunos, cabisbaixos, que a olhavam receosamente. No meio encontrava-se o Rato. Este disse-lhes qualquer coisa em voz baixa, que os fez retirar, ficando, pois, sózinho.

A professora ia a passar deante d'ele, quando o nosso pequeno heroi se lhe dirige resolutamente, como quem tem tomado uma grave decisão. Então, muito córado, e numa voz trémula, exclamou: *minha senhora, sem querer, parti um vidro duma das janelas da escola.*

— *Como foi isso?!* — perguntou-lhe a mestra.

«Eu lhe conto, minha senhora: — estava a atirar pedras para um lado, mas uma variou e foi partir o vidro». As últimas palavras mais as adivinhou a professora



do que as ouviu, pois o garoto começou a chorar, cheio de vergonha por ter desobedecido ao que ela tantas vezes havia recomendado.

Satisfeita com a sinceridade do pequeno, e comovida com as lágrimas d'ele, a professora disse-lhe que não chorasse mais e que não tornasse a atirar pedras, pois bem tinha visto o resultado. Mas que para castigar a sua desobediência, elle pagaria, do seu mealheiro, o vidro que se havia de colocar na janela. O pequenino Zé Rato, mais animado agora, prometeu não tornar a esquecer-se das recomendações da sua professora, que é uma das suas melhores amigas, pois não só os educa como instrui, e lhes dedica uma grande afeição.

Meus pequeninos, acatai sempre os conselhos dos vossos professores, que apenas o vosso bem desejam.

F I M

NUMA freguesia do Ribatejo, formada por casais muito dispersos e por alguns lugares muito pequenos, existe uma escola primária.

O coração da freguesia é formado pela escola, igreja, e cemitério.

A maioria dos pequeninos vem de casais que ficam a cinco e seis quilómetros distantes da escola.

Se chove, chegam encharcados e sujos de lama; se ha muito frio, veem geladinhos; a custo os dedos podem pegar no lápis ou na caneta; e quando ha muito calor, ei-los cheios de suor, muito corados e aflitos com o ardor do Sol.

Pois bem; estes pequeninos mártires sofrem tudo resignadamente, e veem, alegres, receber a luz que, a pouco e pouco, lhes vai rasgando as trevas da Ignorância.

Destas crianças destacam-se algumas pelas suas qualidades morais e bom comportamento.

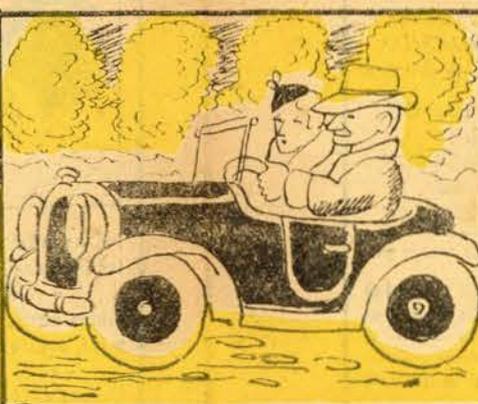
ZÉ PALONÇO, O SEU BURRO E O "AUTO" DE CEM CAVALOS



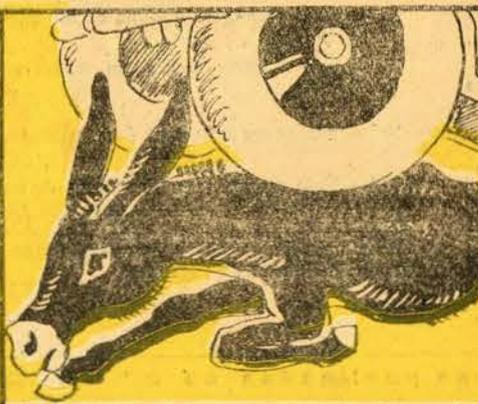
O Zé Palonço Casmurro, fabricante de alicates, foi comprar á feira um burro e eis que, recolhe a Penates.



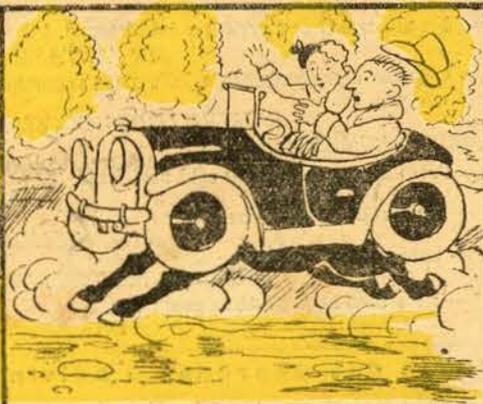
Porém, num dado momento, estiraçado no chão, diz lá consigo o jumento: — «já daqui não saio, não!...»



Nisto, — (pó pó pó!...) — a vista do saloio e a buzinar em seu pequeno «egoista», surge o casal Baltazar!...



Deveras atrapalhado, o pobre do Zé Palonço, vendo o burro atropelado, pôs-se a rezar o responso.



Todayia, como o «auto» era pequeno e assás leve, ergue-se o burro dum salto, e põe-se a marchar em breve.

Então, bastante aturdido, o Zé Palonço Casmurro vê o automóvel movido a cem cavalos... e um burro!

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

VENCEDORES DAS SEGUINTES SÉRIES; X a XIV (A) e XI a XV (B)

Aguiã Trancosana (A e B), Armando Saturnino (B), Afficana (B), Anibal Ortiz Martins (A e B), Aramis (A e B), Andorinha (A e B), Antonio Barros (A e B), Arsenio Lupin (A e B), Antero dos Santos Ribeiro (A e B), Angelita (A e B), Alfredo Lopes Cascais (A e B), Antonio Belo Bicker (A e B), Alexandra (A e B), Aldita (A e B), Alzira da C. Coelho (B), Asor (B), Bê (B), Bernardina M. Menezes, A e B), Bógulhas (A), Bananiz (B), Babela (A), Barlanecas (A e B), Babo-Babinho (A e B), Braba (A e B), Cuca e Nico (A), Góchicho (A e B), Cheri-Bibi (A), C. Redondo A e B), Coca Hichinhos (A), Corréio (A e B), Campeão Vermelho (A e B), D. Rufa (A e B), D. João (B), D. Pericles (A e B), Diabrete (A e B), Desportista (A), Detective Amador (A), Dr. Planaca (A e B), D. Quilchote (A e B), D. Quilchote I (A e B), D. Papeta (B), Ego (A e B), El Gordó (A), El Magrito (A e B), El Diabito (A e B), El Magro (A), El Bravo (A e B), Edith Mary, (A e B), Eduardo Santos (A e B), Eja (B), F. de Ravachol (A e B), Flize Pocaricense (B), Francisco Taboada (B), Feliciano Ferreira Leite (A e B), Frederico da Cruz (B), Gandi II (B), Grillinha (A), Guida (A e B), Glna (A), Gada (A), Helios (A), H. Moniz (A e B), Homem Macaco (A e B), Homem Zito (A e B), Ivo Farusco (A e B), Isabel Maria (A), José Hespanha (A e B), J. B. Campina Junior (A), Joaquim Pinha Farinha (A e B), Jorge Carlos Carvacho (A e B), Joaquim Mesquita (A e B), Joao Lourenço (A e B), José Maria Campeão (A e B), Joca (A e B), Jorge de Sintra (A e B), Kalifa (A e B), Lagartixa Nervosa (A e B), Lita (A e B), Manecas de St.º Amaro (A e B), Moleiro (A e B), Milu (A e B), Mascote (A e B), Manuel Lopes Rodrigues (A), Maria do O.º (A e B), Morgan (A e B), Marito Pito

(A e B), Mario José Mimoso (A), Marlamella (A e B), Make of Charades (A e B), Mlu da Rita (A e B), Maria Fernanda Gonçalves (A), Maria Manuela S.S. (A e B), Miota (A e B), Micles de Tricles (A e B), Misabel (B), Marius (A e B), Nita Mendes Chaves (A e B), Nando Januario (A e B), Nicolau (A), Nazare da Povoá (A e B), Olho de Lince (A e B), OIVA (B), O Terrível Conquistador (A), O Mogriça (A), Olanillopa (A), Perdigota de Entre-Campos (A e B), Pirotecnic (A e B), Pim-Pão (A), Patachon (A e B), Pica-Pau (A e B), Pirarnan (A), Pitola (A e B), Ponto e Virgula (A e B), Papa Moscas (B), Porfirio Cordeiro (A e B), Pena de Ganço (A), Pamplinas II (B), Pum-Pum-Pam (B), Quimaué (A e B), Rei da Vivacidade (A e B), Renato P. Silva (A e B), Rigoletto (A), Sancho Pança (A e B), Saloto (A e B), Tim-Tim (A), Texas Jack (A e B), Tordesco da Beira (A e B), Tininha Sobral (S.), Tio-Tac (A e B), Tigre Real (A e B), Um de Marmelete (A e B), Um Obidense (A e B), Um Alentejano (A e B), Vencedor (A e B), Veiha Peralta (A), Vidalegre (A e B), William (A e B), Zairina Lopes Coelho (B), Zé Nabica (A), Zita Salgado, Zé Quilolas (A e B), Zeca (A e B), Zedarganii (B), Zé Fanfarrão (A e B), Zecalculos (A).

Os concorrentes de cada uma destas séries têm direito ao sortido de 3 livros e 10 construções, cujo resultado será dado no próximo número.

Pedimos que nos enviem com a possível brevidade o seu retrato, para ser publicado, nas condições do concurso.

XVII Série

(a primeira das últimas cinco séries!)

CHARADAS EM FRASE:

1.ª — Muito ruim é a filha da minha filha, sabendo que me falta um braço. 1-2.

CORTEGNECAS

2.ª — Este numero tem a sorte, mas é a desgraça. 1-3

HEROINA DE NAULILA

3.ª — Esta moeda estrangeira não serviu ao homem. 2-2.

VASCO DE SETUBAL

4.ª — O tempero pôsto com esta parte do corpo até sabe melhor a peixe. 1-1.

ALFREDO LOPES CASCAIS

5.ª — Ao vêr o caçador, foge o coelho para o seu buraco com uma colica que o faz violinista. 2-1.

NE'

6.ª — Na atmosfera dou ordens a este homem. 1-2.

SIR FANTASMA

7.ª — A graça e fragancia de Julieta fez succumbir o soldado. 1-2.

ZAIRINA LOPES COELHO

CHARADAS AUMENTATIVAS:

8.ª — Perto desta ferramenta está uma fruta. 2.

X-27

9.ª — Em Italia vi este homem. 2.

HELIOS

10.ª — Esta mulher tem brilho. 2.

NICOLINA SEMPRE FIXE

11.ª — Este oleo vegetal dá-se nesta villa. 3.

BARROCAS

CHARADAS SINCOPADAS:

12.ª — Apanhei muitas febres nos bosques. 3-2.

DETECTIVE AMADOR

13.ª — O proprietario de navios sentiu um forte calor. 3-2.

TIA ZITA

14.ª — A femêa deste animal serve para transportar feridos. 3-2.

ANY LADY

15.ª — Neste mosteiro ouvi uma historia. 3-2.

ANDORINHA

16.ª — Esta ave pousou naquele altar. 3-2.

VIDALEGRE

CHARADAS ELECTRICAS:

17.ª — Esta folhagem é digna de lhe quererem bem. 2.

JODASILO

18.ª — Este homem com quem conversei, aparece à noite. 2.

EL-GIL

19.ª — Foi nossa mãe, mas é um passaro. 2.

ZÉCALCULOS

20.ª — Este animal teve um ataque de paralisia. 1.

MICLES DE TRICLES

A solução destas charadas deverá estar em nosso poder, até ao dia 17 do corrente.

TIO TONIO

Rua do Século, 43

L I S B O A

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no n.º 357 (XV Série)

1.ª — Fado
2.ª — Cancela
3.ª — Sítio
4.ª — Cavaca
5.ª — Biscato

6.ª — Fogo-fogão
7.ª — Escalda-escaldão
8.ª — Galo-galão
9.ª — Canha-canhão
10.ª — Coimbra-cobra

11.ª — Tília-tia
12.ª — Lisura lira
13.ª — Aluna-ana
14.ª — Alberto-alto
15.ª — Chôco

16.ª — Sara
17.ª — Raiya-aviar
18.ª — Avós-sóva
19.ª — Edade
20.ª — Atréla-aléria

YO-YO

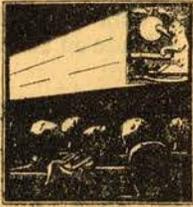
FICA A PERDER DE
VISTA ANTE OS
CURIOSOS E ALEGRES
LIVROS DO

PIM-PAM-PUM

LINDOS DESENHOS, BOAS
GRAVURAS A CORES E
HISTORIAS DIVERTIDAS

LANTERNA MÁGICA

HISTÓRIAS



INFANTIS

TODOS OS MENINOS E
MENINAS DEVEM PEDIR
QUE LHES COMPREM UM
LIVRO DA BIBLIOTECA

PIM-PAM-PUM

CADA VOLUME CUSTA APENAS

2\$50

Pedidos á nossa Administração
R. DO SEculo, 49
A' venda na SUCURSAL DO
ROSSIO

Musa infantil

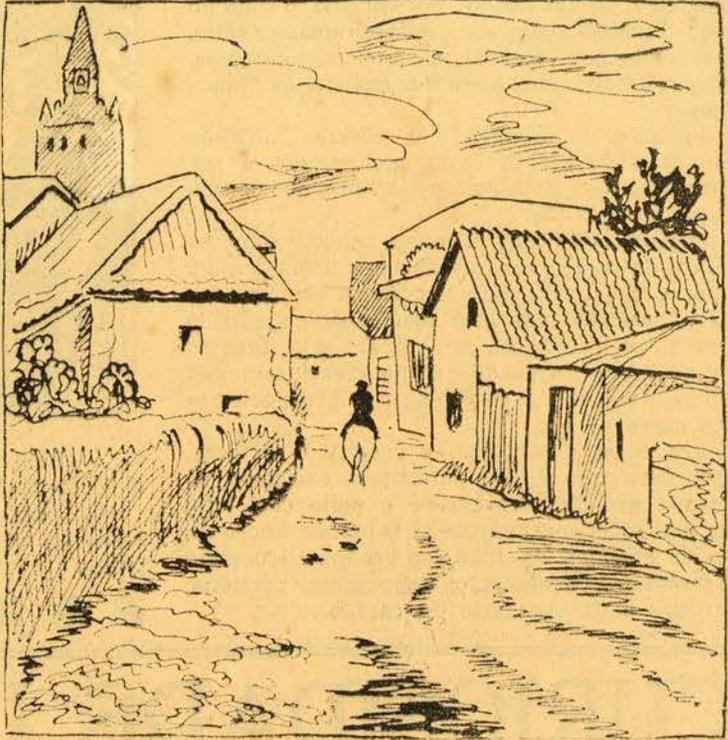
QUADRAS SOLTAS

Fui ao mar buscar peixinhos,
Num dia de nevoeiro,
Apanhei quarenta e três,
Dei-os todos ao barqueiro.

Sintra é a terra mais linda
Que tem o nosso País;
Sintra, ao pé das outras vilas,
Brilha, ao Sol, como o verniz!

MARIA ATAYDE
de 11 anos de idade.

PARA OS MENINOS COLORIREM



Correspondência ADIVINHA

Daniel José Ferreira — (Lisboa) — O que sucederia a este «sobrinho» que nunca mais apareceu com as suas engenhocas?

Um vianense — (Viana do Castelo) — As adivinhas e problemas enviados são de um género já tão conhecido...

Manda outras coisas.
No entanto vou ver se a alguns posso dar um geitinho.

Carlos Alberto Junça — (Lisboa) — Vai para a bicha o teu automóvel.

Aprendiz — Como deves calcular, não podemos responder com a brevidade que exigis ás perguntas feitas nas tuas cartas.

Os problemas sairão quando chegar a tua altura, se estiverem publicáveis.

Até lá, tem mais um bocadinho de paciência.

António Lopes C. Piza — (Beja) — Muito bem! muito bem! A adivinha foi muito bem achada!

«Cão que ladra não morde».

Uma dúzia de beijinhos do

Tiotónio.



Meus meninos: — Vejam se descobrem o dono deste cão.

ATCHIM

Continuação da primeira página.

Então, satisfeito com a atitude do branco, tomando-a, ingenuamente, por cortezia, o filho do régulo Pumba-Catapumba, muito apumado e sério, fez a continência, também, mas à maneira europeia, como retribuição à suposta homenagem do branco caçador.

Impante de orgulho, mas deveras intrigado pelo facto do branco haver pronunciado o seu nome, regressou ao palácio, onde, assim que entrou, perguntou pelo Pai.

Decorridos poucos segundos, sentado sobre os joelhos do régulo, contava-lhe o que fizera durante o dia e o encontro que tivera com o branco caçador, acrescentando num assômo de entusiasmo e vaidade: — «Imagina, pai, que até já os brancos me conhecem! Quando eu me cruzei com ele, o branco fez-me a continência e pronunciou o meu nome!»

Franzindo o sobrólho, e contraindo as faces, rancorosamente, Pumba-Catapumba exclamou: — «Porque não lhe atravessaste o peito com uma das tuas setas envenenadas?! O branco troçou de ti!» E explicou ao filho, ao pretinho ignorante e vaidoso, a significação, deprimente, vexatória, do gesto e da expressão do caçador.

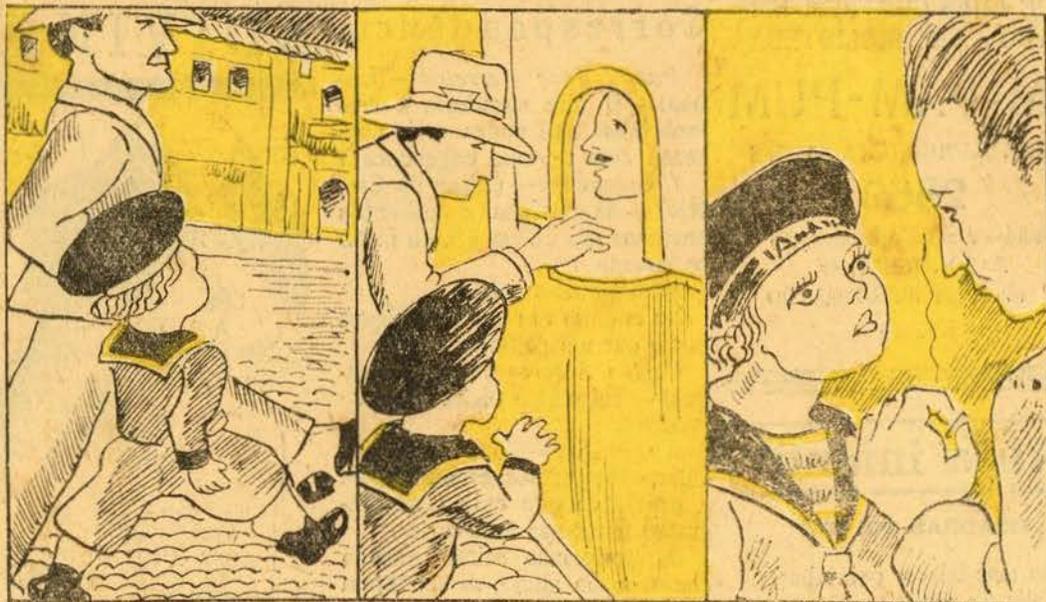


— «Ah!» exclamou Atchim, intimamente raivoso e ferido no seu orgulho.

O Acaso que é, às vezes, obra da Providência, cartigára; assim, a estulta vaidade do soberbo negrilho.

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

CURIOSIDADE INFANTIL



Em companhia de seu pai, Chiquinho desce os degraus de casa, a quatro e quatro, pé aqui, pé além, galga o caminho; pela primeira vez vai ao teatro!

Chegados ao «guichet» da bilheteira, todos triques e assás perliquittees, observa o Chico a exótica maneira como se faz a venda dos bilhetes.

E, então, muito intrigado, o nosso herói interroga, de súbito: — «Papá, explica-me uma coisa, como foi que o homem dos bilhetes, acolá,

— (e o Chico, novamente, olha o «guichet») — conseguiu lá meter-se — (até faz pena!) — sendo tão grande e gordo, como é, através duma porta tão pequena?!»